

O exílio de Glauber Rocha: interlocuções, política e estratégia

Me. Pablo Alexandre Gobira de SOUZA-RICARDO (UFMG)

RESUMO: *O trabalho pretende demonstrar como a trajetória de Glauber Rocha repercute no cinema. Essa repercussão será mostrada com base na interlocução que acontece no exílio. Nesse caso, o diálogo que será destacado é aquele entre Darcy Ribeiro, Glauber Rocha e Jango. Tal diálogo englobará não apenas o cinema, mas a política e a literatura. O trabalho proposto se insere em um contexto de estudos sobre a América Latina como alteridade que, com a geração de Glauber Rocha, é escutada politicamente. O artigo finaliza acenando para os resultados de tal interlocução no campo político, aproximando aquela geração da conjuntura política latino-americana contemporânea.*

Palavras-Chave: *Glauber Rocha; Darcy Ribeiro; João Goulart; Exílio; América Latina*

Neste trabalho faço um recorte do exílio de Glauber Rocha a partir do contato com Jango e com Darcy Ribeiro. Proponho-me pensar sobre a situação de um intelectual exilado brasileiro e a repercussão em sua obra. Com essa proposta de reflexão, pode-se dizer que Glauber Rocha é um intelectual que manifestou os sintomas resultantes das vivências do exílio de sua geração. O cineasta atuou em diversas frentes não como um mero eco, pois transformou o seu cinema em um modo de fazer política, discutir a cultura, praticar a arte dialogada com a vida. Assim, proponho uma exposição parcial da memória do cineasta em interlocução com os intelectuais sinalizados.

Essas afirmações nem sequer precisam ser amparadas por estudos específicos, uma vez que os conhecedores de Glauber Rocha têm informações suficientes sobre essas suas qualidades. O que falta ser aprofundado são as análises que levam em consideração não apenas a vida em performance (FONSECA, 2000), mas a vida em exílio que é resultado das ações políticas do intelectual. Pode-se afirmar que esse exílio - enquanto um resultado - também gera algumas reações políticas que merecem ser estudadas por estarem ligadas a um pensamento que se coloca em oposição ao *status quo* rompendo paradigmas.¹

Aqui, convém considerar a geração de Glauber Rocha, aquela que atua em 1950, 1960 e 1970, como propulsora do reconhecimento de uma alteridade. Na medida em que reconhece o seu "outro", essa geração se afirma como uma voz que passa a ser escutada no contexto de oposição ao chamado "Primeiro Mundo" desenvolvido. Segundo Haydée Ribeiro Coelho, o Semanário *Marcha* foi um importante veículo dessa geração latino-americana. Para a ensaísta,

Por la variedad de textos de Marcha es posible seguir la historia cultural de una época, nortada por una concepción de cultura y por el cuestionamiento del papel del intelectual que estuvo ligado, históricamente, a la transformación social. Esos aspectos están íntimamente relacionados a la discusión sobre autonomía, el desarrollo y la integración de América Latina. (COELHO, 2003, p.300)²

Além de pensar a questão do desenvolvimento e da integração, esses intelectuais viveram um momento político de intervenção no âmbito das liberdades constitucionais em seus países. O exílio

¹ É importante salientar que o pesquisador Hudson da Cunha Moura desenvolve seu pós-doutorado sobre o exílio do cineasta, por isso este trabalho se faz como um recorte.

² “Pela variedade de textos de *Marcha* é possível seguir a história cultural de uma época, nortada por uma concepção de cultura e pelo questionamento do papel do intelectual que esteve ligado, historicamente, a transformação social. Esses aspectos estão intimamente relacionados a discussão sobre a autonomia, o desenvolvimento e a integração da América Latina.”

na América Latina foi generalizado. Esse movimento de sair de seus países atingiu a geração de Glauber Rocha no momento em que os militares brasileiros depõem o presidente João Goulart.

Inicia-se uma nova odisséia na vida do cineasta, marcada por experiências de confronto com intelectuais de esquerda e direita na América Latina, e com a Cuba de Fidel Castro em 1972. Desejo me ater, especialmente, no diálogo com Darcy Ribeiro e João Goulart. Esse diálogo gerou reflexos posteriores em sua obra. Esses reflexos também estão vinculados a seqüência de acontecimentos políticos da América Latina construídos pelo pensamento daquela geração, permitindo especulações a respeito de uma potencial ligação com a ordem política latino-americana contemporânea.

Para entender esse recorte do exílio de Glauber Rocha, é importante compreender parte do exílio de Darcy Ribeiro. Enquanto exilado, Darcy Ribeiro se aproxima do governo Chileno e do Peruano como assessor de Allende e do General Alvarado respectivamente. É Darcy Ribeiro que facilita o contato entre Glauber Rocha e João Goulart (RIBEIRO, 1997, p.285). Com isso um triângulo se fecha.

Em outros trabalhos pude confirmar a ligação existente entre o cineasta e o antropólogo de maneira mais profunda (SOUZA-RICARDO, 2007). A partir disso, posso me ater a uma entrevista de 1978 de Glauber Rocha, que apresenta o quanto ele conhecia os textos publicados de Darcy. É nesse momento que Glauber chama Darcy Ribeiro de "magnífico" e de um de seus pais nacionais, ao lado de Paulo Emílio e de Jorge Amado (ROCHA, 1978). Glauber Rocha admirou tanto Darcy Ribeiro quanto Jango. Foi Darcy Ribeiro quem ensinou ao cineasta que João Goulart era "reformista, e não revolucionário" (ROCHA, 1978).

É fundamental a seguinte afirmação de Darcy em *Confissões*:

Ainda estava no Peru quando apareceu lá meu amigo Glauber Rocha, que sempre me visitava nos meus exílios. Conversamos longamente sobre tudo, mas principalmente sobre um filme que ele queria fazer focalizando Jango e outro sobre o regime peruano. Obrigou-me a falar detalhadamente de tudo. O efeito foi desastroso. Voltando ao Brasil, Glauber disse: "os gênios da raça são Golbery e Darcy". (RIBEIRO, 1997, p.449)

Essa impressão de Glauber Rocha sobre a estratégia de abertura política do Brasil, empreendida nesse momento, é manifesta em carta publicada "na revista *Visão*, em 11 de março de 1974". (CARDOSO, s/d, p.746) A concepção estratégica do cineasta se forma a partir dos encontros ocorridos na Europa e na América do Sul entre Glauber, Darcy Ribeiro e João Goulart. Segundo Maurício Cardoso, Darcy Ribeiro "acreditava na possibilidade de acelerar o processo de redemocratização através do apoio aos militares nacionalistas, inspirado na experiência do general Alvarado, no Peru." (CARDOSO, s/d, p.746)

Com isso, uma estratégia é montada. A importância desses contatos de Glauber com Darcy e Jango está registrada em carta do cineasta encontrada em seu Arquivo no Tempo Glauber, como pode ser visto no seguinte trecho:

O tempo parou [73] entre me separar de Tereza (...) e em viajar pela América Latina, onde vi o Jango e curti os melhores [anos] de minha vida exilada reencontrando minha família e Jango em Punta del Este. Andei pelo Peru, Argentina, sobrevoei o belorizonte chileno que já tinha sacado em 71, aprendi um pouco de política latino-americana com Darcy e outros conhecimentos, entrei pela Colômbia, saí em Cartagena (...) (ROCHA, 1974)

Glauber Rocha, ouvindo Darcy Ribeiro e João Goulart, nesse exílio em que também se frustra com a Cuba de Fidel Castro e seu autoritarismo, volta-se ao entendimento da única saída que julgava possível. Nesse contexto, empreende publicamente esse discurso da abertura política vinculada aos militares.

Mesmo assim, nota-se claramente que o cineasta não abandona suas convicções de uma América Latina popular. Glauber Rocha também não esquece a sua opção pela diversidade que essa alteridade representa. Apenas a esquerda, que se opôs ao cineasta, não percebeu essas intenções juntamente à ruptura ideológica que ele promovia.

Essas posições eram conflituosas com a de uma geração de exilados que viam nos militares os inimigos diretos do desenvolvimento e, principalmente, de uma América Latina unida, como refletia Leopoldo Zea quando propôs a noção de "consciência latino-americana" como uma consciência crítica dos latino-americanos frente ao pensamento europeu. (ZEA, 1972)

Apesar da afinidade com o que Darcy postulava sobre uma estratégia de abertura política para o Brasil, o antropólogo taxou como "desastre" as declarações de Glauber após essa série de encontros no exílio. Pensando assim, e tendo em vista o último filme feito por Glauber Rocha após esses episódios, é necessário considerar essa produção como resultado da forte influência da perseguição intelectual sofrida frente a seu posicionamento naquele momento.

Luiz Carlos de Oliveira Júnior divide a produção de Glauber Rocha pensando os seus filmes em duas fases: 1º) antes do exílio (até 1971); e 2º) durante e após o exílio (compreendendo 1971 até o lançamento de *A Idade da Terra* em 1980). Para o crítico, Glauber viveu o exílio mesmo após retornar ao país em 1976. Para Oliveira Júnior, "*Di e A Idade da Terra* são apenas a segunda fase" do "mesmo exílio, o resultado artístico do momento em que o cineasta retorna ao Brasil e se percebe exilado no próprio país, exilado em toda parte" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005, p.3).

O filme *A Idade da Terra* traz codificada, sob suas ambiguidades narrativas, todas as tensões da vida de Glauber Rocha. Ivana Bentes observa que, já em 1960, o cineasta demonstra uma consciência crítica lúcida a ponto de entender que os intelectuais não são os únicos agentes da transformação social e mediadores da cultura (BENTES, 2002, p.5).

Os anos de 1978 a 1980 são limítrofes na vida de Glauber Rocha por representarem o momento de preparação, filmagem, montagem e lançamento de *A Idade da Terra*. Esse filme pode ser avaliado com base nas duas estéticas glauberianas que o constitui: a da fome, de 1965; e a do sonho, de 1971. Para a crítica,

a estética da fome, como Cyril Béghin observou com precisão, é uma estética da palavra. E na subsequente "Estetyka do Sonho", o mais importante é o transe hipnótico de uma palavra que nem a sociologia nem a dramaturgia convencional conseguem intermediar. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005, p.2)

No filme de Glauber a palavra é decisiva, uma vez que é organizado através dela. *A Idade da Terra* possui um roteiro extremamente literário, com construções imagéticas ricas, sendo um texto repleto de significações que suscitem múltiplas possibilidades de compreensão. Considera-se, assim, o olhar do espectador na montagem do filme como um todo. A linguagem inovadora e a convocação do espectador a participar do filme incomodam de modo irremediável por fornecer elementos para que aqueles que o assistem possam interligar os acontecimentos da tela não apenas de modo passivo, mas dentro de uma atividade proposta pela montagem nuclear.

Tentando resumir o filme, pode-se falar que ele apresenta as histórias de quatro Cristos do "Terceiro Mundo", assim como as vivências de um anti-Cristo glauberiano. Em *A Idade da Terra* Glauber Rocha passa a apresentar uma alteridade latino-americana de modo pleno. Ela se define ao opor os Cristos à Brahms, que é um anti-Cristo que serve como metáfora para o Europeu e Norte Americano. O filme focaliza, até mesmo os militares que, antes, eram considerados apenas inimigos da esquerda exilada. Glauber Rocha passa a ver os militares como sujeitos de transformação social, atores políticos latino-americanos tanto quanto o cangaceiro, o profeta, o povo, o guerrilheiro, o indígena, o negro dentre outros tantos presentes em suas obras.

Com essa construção que aponta para a realidade do "Terceiro Mundo", mais especificamente da América Latina, é possível atravessar o fílmico, o literário e refletir sobre a política a partir das opções de construção dos personagens de Glauber Rocha. Seu foco está nos líderes que possuem um trânsito não apenas no campo da instituição, mas também das lideranças que estão nas ruas junto ao povo, seja no carnaval, nas procissões ou nas ruas de Brasília.

Tentando pensar Glauber Rocha hoje, sobrevivente desse período de abertura e pós-ditaduras, procuro projetar suas posições políticas para a América Latina contemporânea. Essa América Latina da qual trato é aquela que, em 2001, inicia em Porto Alegre o Fórum Social Mundial como alternativa reflexiva às ações diretas da Ação Global dos Povos (AGP) em todo o mundo, opondo-se às reuniões dos países ricos, assim como do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Assim, é a América Latina que internacionaliza os seus conflitos políticos através dos meios de comunicação em ascensão como a *Internet* e a facilidade de reprodução da informação que ela proporciona.

Com base em *A Idade da Terra*, e em sua saturação de informações, leituras possíveis, sobreposições e estrutura narrativa não linear, procuro pensar o quanto Glauber Rocha apostou profeticamente em uma nova linguagem para organizar um modo de espelhar o povo. Comparo essa iniciativa de revolucionar a linguagem cinematográfica, atravessando a literatura, a pintura, a música, com as manifestações populares da América Latina, criando o que Gustavo Dahl chamou de "mosaico sinfônico". Assim, vejo um Glauber Rocha que participou de um momento histórico que gerou frutos no contexto político contemporâneo, tais como os neozapatistas de Chiapas, a Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO), no México, e até o MST, no Brasil. Dentro desse quadro, é possível pensar *A Idade da Terra* como um filme-ode aos movimentos populares que procuram mudar o *status quo*. Poderíamos pensar que as saídas institucionais de Hugo Chavez, na Venezuela, ou de Evo Morales, na Bolívia tem muito ainda que aprender com aquela geração de Glauber Rocha e suas iniciativas de integração e de desenvolvimento. Tais sinalizações bastam para o espaço proposto neste trabalho.

Posso concluir confirmando que o exílio de Glauber Rocha influenciou na relativização de suas posições políticas frente a uma ideologia que pensa em apenas uma saída para as mazelas das sociedades latino-americanas no contexto da segunda parte do século XX. Por fim, posso dizer que *A Idade da Terra* é um filme em que a existência identitária de um Cristo Militar, um Cristo Guerrilheiro, um Cristo Negro, e um Cristo Índio, revela um desejo profundo de espelhar um povo que, até aquela geração, não havia ainda sido espelhado em sua diversidade.

Referências Bibliográficas

BENTES, Ivana. Terra de fome e sonho: o paraíso material de Glauber Rocha. In: BENTES, Ivana. *Ressonâncias do Brasil*. Espanha: Fundación Santillana, 2002. p.90-109. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-glauber-rocha.html>> Acesso em: <04/01/2006>

CARDOSO, Maurício. Gláuber Rocha. In: REBELDES Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder. São Paulo: Casa Amarela, [s.d]. v. 2. (Coleções Caros Amigos). p. 738-751.

COELHO, Haydée Ribeiro. América Latina como alteridad: memorias de un campo identitario. In: MORAÑA, Mabel; MACHÍN, Horacio (Org.). *Marcha y América Latina*. Pittsburg: Biblioteca de América, 2003. p.299-311.

FONSECA, Jair Tadeu da. *Cinema, texto e performance: a vida em obra de Glauber Rocha*. 2000. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Glauber. Carta à Zelito Viana. *Tempo Glauber*, Seção Correspondência, Roma, 6 jan. 1974.

ROCHA, Glauber. Darcy Ribeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1978.

SOUZA-RICARDO, Pablo Alexandre Gobira. Utopia Selvagem, *de Darcy Ribeiro e A Idade da Terra, de Glauber Rocha: o visível, as vozes e a antropofagia*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

ZEA, Leopoldo. *América como conciencia*. México: UNAM, 1972. 133p. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/bibliografia/acc/>> Acesso em: <18/01/2001>